

MAC PIER
CLAUDE ALEXANDER

A
EXI
O chamado de
Deus à Justiça,
Misericórdia e
Humildade para
superar a divisão
racial
GEN
CIA

Tradução:
Mary Ferreira



**Vida &
Caminho**
EDITORA

2024

SUMÁRIO

Prefácio	17
Prefácio à edição brasileira	21
Introdução	25
1. Origens em preto e branco: A história de Claude	31
2. Origens em preto e branco: A história de Mac	47
3. Um convite para uma conversa sobre raça	61
4. A exigência consistente	71

PARTE UM

Conscientização: A humildade é exigida

5. Chegar a um acordo	87
6. Uma conversa necessária	97
7. Movement Day 757: Da conscientização à transformação	109

PARTE DOIS

Posse: A misericórdia é exigida

8. Da simpatia para a posse	129
9. Uma raça: A jornada de Jack Alexander para a misericórdia	147

PARTE TRÊS
Agência: A justiça é exigida

10. Exercer a agência	159
11. Criando oportunidade: A missão de Khary Bridgewater para inspirar a equidade	171
12. Os elefantes e a tarefa inacabada	181
13. O que vem a seguir?	195
Postácio	211
Agradecimentos	215
Notas	217
Sobre os autores	223

Prefácio

Eu me casei em 19 de junho de 2004. Escolhi essa data porque queria me casar assim que me formasse na faculdade para começar minha nova vida com meu noivo. Reservei o local escolhido na primeira data disponível após minha formatura em 2 de maio, assinei na linha pontilhada e comecei a planejar o evento. Havia muitos detalhes a cuidar para os quais eu estava totalmente despreparada. Nunca tinha assistido a um casamento antes, então, faltavam-me referências para planejá-lo, mas, à medida que o dia se aproximava, eu ficava cada vez mais animada.

Na semana do meu casamento, lembro-me de ver um comercial de televisão sobre um festival de Juneteenth* acontecendo naquele dia, mas, como não sabia o que era o Juneteenth, encolhi

* N. da. T.: feriado que celebra a emancipação dos afro-americanos escravizados nos EUA.

os ombros e deixei esse detalhe escapar da minha mente. O dia do nosso casamento chegou, e foi tão lindo e emocionante quanto eu imaginava que seria. Meu avô me acompanhou até o altar no lugar do meu pai, que havia falecido pouco antes do meu segundo aniversário. Meu marido e eu trocamos votos e cortamos nosso bolo com nossa família e nossos amigos sorridentes ao nosso redor. Dezenove de junho seria nosso aniversário de casamento. Um lembrete anual do dia em que nos tornamos um só.

Demorou uma década para que eu soubesse que o dia do nosso aniversário de casamento tinha um significado maior. Eu, uma mulher preta, americana, com trinta e um anos na época, aprendi sobre a importância do feriado de Juneteenth somente depois de treze anos de escola pública, quatro anos de estudos de graduação e dois anos de pós-graduação. Na verdade, minha compreensão da história do meu povo nos Estados Unidos da América limitava-se ao fato de eles terem sido escravizados, mas emancipados pelo presidente Abraham Lincoln após a Guerra Civil, de o Movimento dos Direitos Civis ter ajudado a garantir direitos e privilégios plenos para os negros americanos. Fim.

Eu aprendi que Juneteenth representava o atraso de dois anos na chegada da notícia sobre a emancipação dos escravos ao Texas, mas, à medida que meu conhecimento se tornou mais completo ao longo dos anos, percebi que até essa visão estava errada. Não foi em razão da falta de tecnologia ou do tempo que levava para as notícias viajarem de Washington, DC, ao Texas que os escravos simplesmente não ouviram sobre sua emancipação entre 1863 e 1865. Não. Juneteenth representa dois anos em que soldados confederados e proprietários de escravos aterrorizaram ativamente os escravizados e negaram-lhes acesso aos direitos de emancipação até que o Exército da União aparecesse.

Muitos seguidores de Cristo estão clamando por unidade racial nesta nação e na igreja. Mas a unidade sempre exige reconhecer a verdade com humildade, em primeiro lugar. Humildade para

lidar com uma verdade que dói. Humildade para lidar com uma verdade que até envergonha. Humildade para lidar com uma verdade que leva à oração. Humildade para lidar com uma verdade que leva ao arrependimento. Ao examinarmos o que é necessário para a unidade racial, lembremo-nos de que a primeira tática que Satanás usa para criar desunião é distorcer a verdade. Ele fez isso no Jardim do Éden e está fazendo isso hoje. Minha esperança é que sejamos chamados de volta à verdade por meio das palavras poderosas e proféticas deste livro – um livro que o Bispo Claude Alexander e o Dr. Mac Pier escreveram amorosamente com o objetivo de nos conduzir de volta à verdade que leva à humildade, à oração e ao arrependimento – de acordo com 2 Crônicas 7:14, à verdade que cura.

Trinta por cento dos americanos se identificam como republicanos. Trinta e um por cento dos americanos se identificam como democratas. Mas 65% dos americanos se identificam como cristãos – mais do que os dois principais partidos políticos juntos. Não estamos esperando que o Congresso conserte o que está quebrado, estamos esperando pela igreja. É hora de sermos a mudança que desejamos ver nos Estados Unidos da América. É essa a exigência, e esse é o culto aceitável.

NONA JONES

Fundadora de Faith & Prejudice; diretora de Faith Global, Facebook

Prefácio à edição brasileira

Deus cria, em Cristo Jesus, um povo para que viva de modo diferente do viver do mundo, dos seculares. O Senhor fez isso a partir da intuição de leis espirituais, cívicas e morais ao povo de Israel, no Antigo Testamento, e a partir da nova aliança dos ensinamentos de Jesus Cristo, no Novo Testamento. Dessa forma, a igreja foi chamada para ter um relacionamento com Deus, mas também para ser testemunha às nações. A Igreja foi chamada por Deus para ser consciência ética, moral e amorosa do Reino de Deus na terra. E isso exige trabalho duro e envolvimento com a sociedade secular, em evangelização, em boas obras e atos de justiça.

A Bíblia deixa muito claro que Deus não faz acepção de pessoas (Atos 10.34-44; Tiago 2; Romanos 2.11, Deuteronômio 10.17),

mas nós, seres humanos, por causa da pecaminosidade que há em nossa composição, fazemos acepção de pessoas. A distinção negativa, esteriotipações e estigmas que são dados à vários grupos sociais e étnicos advém do pecado que há em nós, da nossa incapacidade de ser como Deus.

O livro que o leitor tem em mãos fala da histórica opressão e tensão dos Estados Unidos, mas é completamente aplicável ao Brasil. Também no Brasil tivemos 350 anos de escravidão africana, além de subalternização e opressão dos povos originários. O Brasil também possui uma grande desigualdade social. Então, os argumentos que os autores trazem podem ser aplicáveis também à situação brasileira.

Permanecem, no entanto, duas questões pelo menos aos cristãos: 1) o que a Bíblia diz sobre as injustiças na sociedade? 2) Como os cristãos podem e devem se engajar contra as injustiças sociais e com as tensões comunitárias e raciais?

O livro “A Exigência”, escrito por um afro-americano e um branco-americano, trazem respostas doutrinárias e práticas à essas duas perguntas. É um livro profundamente bíblico, eticamente responsável, e que traz sugestões práticas que um cristão que deseja de fato ser sal da terra e luz do mundo poderá tomar por base para suas ações por um mundo mais justo, harmonioso e fraterno.

Recomendo com grandíssimo entusiasmo a obra.

JACIRA PONTINTA VAZ MONTEIRO

Autora de *O Estigma da Cor* (Editora Quitanda e Thomas Nelson Brasil) que fala sobre o racismo a partir de uma perspectiva bíblico-teológico. Mestranda em Educação, Arte e História da Cultura (Universidade Presbiteriana Mackenzie). Pós-graduanda em Teologia Bíblica e Exegética do Novo Testamento (Faculdade Internacional Cidade Viva).

* * *

Com o coração repleto de gratidão, louvo a Deus pela oportunidade de poder dar um testemunho sobre “A Exigência”, esse precioso trabalho fruto do encontro de Claude Alexander e Mac Pier, dois homens de Deus que, através da fé, pensam caminhos de reconciliação e paz diante dos conflitos raciais entre pessoas brancas e negras.

Gosto sempre de recordar também o testemunho de John M. Perkins, ministro cristão estadunidense, ativista pelos direitos civis que, através de um caminho de comunhão com pessoas negras e brancas, apresentou o evangelho integral e desenvolveu ações de fortalecimento comunitário no estado do Mississippi (EUA) entre as décadas de 1950 e 1960.

A reconciliação e a reparação são temas que estão presentes nas Escrituras e a grande beleza do trabalho de Alexander e Mac Pier em “A exigência” é exatamente nos lembrar que a reconciliação não é uma opção, e sim, uma urgência. Além do mais, uma exigência para que o Reino de Deus possa ser testemunhado, vivido e alcance todas as pessoas. Esse livro chega no momento importante no qual a sociedade brasileira tem aprofundado os debates sobre racismo e, ao mesmo tempo, muitos cristãos estão perguntando como as seguidoras e seguidores de Jesus e a igreja podem se envolver e criar um caminho de enfrentamento e superação do pecado do racismo.

Talvez você pense que por esse livro ser escrito no contexto norte-americano ele não tenha nada a nos dizer. Pois bem, eu quero encorajá-lo a lê-lo com o coração aberto e em oração, para que através dos exemplos e dos testemunhos, você vivencie a criatividade poderosa do Espírito Santo e, assim, ganhe mais ferramentas para agir no contexto da sua igreja local, nas organizações missionárias em que você atua e por onde estiver.

Parabenizo à Missão Alef pela coragem e o compromisso com o Reino de Deus na promoção da vida, no enfrentamento

ao pecado do racismo e por colaborar para a construção de um caminho bíblico de reconciliação e reparação. É a partir do espírito missionário e engajado da Missão Alef que esse livro poderá encontrar muitos corações disponíveis para materialização de um caminho da reconciliação racial e reparação no Brasil.

A leitura de “A exigência” deve ser também pedagógica, intencional, direcionada para líderes nas igrejas e organizações paraeclesiais que tratam da missão integral. Estamos diante de um grande presente para o público evangélico brasileiro. Que o bom Deus incomode, encoraje e mova a cada um de nós, na promoção da justiça do Reino de Deus, no combate e superação do pecado do racismo e na promoção da reparação e reconciliação racial.

Paz e bem!

RAS ANDRÉ GUIMARÃES

Teólogo, pastor na Igreja Metodista do Brasil, historiador e ativista pelo direito das pessoas negras e o pelo bem viver.

INTRO DUÇÃO

Tratar a tensão racial que é muito real

Em uma pesquisa da Gallup, de março de 2021, que questionava o quanto os norte-americanos se preocupam com as relações raciais, 73% disseram que se preocupam muito ou razoavelmente. Setenta e um por cento expressaram estar muito insatisfeitos ou algo insatisfeitos com o estado das relações raciais.¹

Uma pesquisa da InterVarsity Christian Fellowship, em 6 de julho de 2021, sobre atitudes dos estudantes em 127 campi revelou que, para eles, a questão social mais importante é a justiça racial (39%).²

O diretor-executivo do grupo Barna, David Kinnaman, em uma postagem de 17 de junho de 2020, “Perspectiva de Barna sobre a Raça e a Igreja”, escreveu:

As últimas semanas têm sido um tempo de escuta, aprendizado, arrependimento e lamento para a equipe do Barna. Como pesquisadores sociais que buscam equipar a Igreja para se engajar efetivamente com o mundo, nos encontramos ao lado de outros crentes em um esforço para corrigir a injustiça racial. Como equipe, começamos com um profundo exame de consciência sobre como temos contribuído para perpetuar os problemas de desigualdade racial, seja de forma implícita ou explícita, e sobre como podemos ouvir melhor e servir nossos irmãos e irmãs em Cristo pretos e pardos. Essa autorreflexão não termina depois de alguns dias ou semanas de processamento para enfim voltarmos aos negócios de sempre. Comprometemo-nos tanto com ações de curto prazo quanto com resultados de longo prazo enquanto buscamos ser catalisadores de uma mudança genuína e duradoura na Igreja.³

Nenhuma tentativa de ser a igreja de Jesus Cristo nos Estados Unidos pode ocorrer sem tratar a tensão racial muito real dentro dela, resultado das realidades histórica e contemporânea do racismo. Essas tensões existem não apenas no país, mas também dentro da igreja. Um artigo de 1º de setembro de 2020, do Grupo Barna, intitulado “Raça Hoje: Como o Verão de 2020 Mudou as Percepções sobre Justiça Racial – e o Que Isso Significa para os Líderes da Igreja”, relata que, quando os pesquisadores perguntaram à população geral “Você acha que nosso país tem um problema racial?”, 37% dos brancos, 76% dos negros e 58% dos hispânicos disseram que sim, categoricamente. Os números dos que se identificam como cristão são ainda mais reveladores: 33% dos brancos, 81% dos negros e 56% dos hispânicos declararam, também de modo categórico, que sim. O artigo não menciona os asiáticos devido ao baixo tamanho da amostra.⁴ A lacuna entre percepção e expectativa é um desafio significativo para o testemunho da igreja tanto nos Estados Unidos quanto ao redor do mundo.

Essa tem sido uma preocupação profunda para nós dois. Eu (Claude) sou um pastor negro da *The Park Church*, em

Charlotte, Carolina do Norte. Mac é um líder do movimento de oração, um homem branco e fundador da Movement.Org, uma organização global de ação urbana. Mac também é o cocatalisador de Lausanne para cidades.

Nos últimos cinco anos, nosso relacionamento e parceria no evangelho impeliram-nos a um consenso sobre a sensível necessidade de a igreja se engajar positivamente na questão racial no país a partir da perspectiva das demandas de Deus, tal como revelado na Bíblia e na história. O que se segue é o fruto desse crescimento em honestidade, transparência, compreensão, aceitação e compromisso contínuo. Escrevemos sob perspectiva de dois cristãos, cujo chamado para a igreja e para as cidades do mundo nos constrange a lidar com realidades difíceis e dolorosas, mas certos do poder de Deus para redimir e reconciliar. Escrevemos isso para e pela igreja, bem como para aqueles que desejam ver a igreja ser um agente de florescimento humano.

Definir racismo é tão difícil quanto importante. Na verdade, eu (Mac) acredito que precisamos da ajuda de outros para identificar perspectivas racistas que possamos ter. Isso requer franqueza e coragem. Eu vejo o racismo como a manutenção de uma visão de superioridade racial sobre outras raças, seja de forma privada ou corporativa. Neste livro, Claude faz um trabalho magistral ao fornecer o contexto histórico para a conversa sobre raça. Assim como eu, uma pessoa branca, precisei da análise histórica de Claude para me ajudar a entender o racismo institucional, precisamos uns dos outros para lutar, aprender e nos tornarmos propagadores da verdade.

Para mim (Claude), racismo é a negação, frustração e antagonismo da personalidade, lugar e/ou participação de um indivíduo ou grupo devido à raça. Atos racistas negam, antagonizam ou frustram a dignidade e valor de uma pessoa ou grupo, o direito de pertencer e de participar plenamente em condição de igualdade. Atitudes racistas atribuem ou demonstram valor negativo e baixo

em relação a indivíduos e grupos com base na raça.

O ponto principal é que somos incompletos sem os outros nesta jornada para superar a divisão racial.

Este livro baseia-se em duas crenças fundamentais. A primeira é que Deus nos chama a tratar das tensões raciais em Seu apelo “para fazer justiça, amar a misericórdia e andar humildemente com nosso Deus” (Miqueias 6:8). A segunda é que o processo de abordar as tensões e as realidades subjacentes a elas requer conscientização, apropriação e ação. Tendo estabelecido que a busca de tal esforço exige realmente conhecermos a nós mesmos, uns aos outros e a nossa história coletiva, os capítulos 1 e 2 começam com nossa história particular; no capítulo 3, oferecemos uma reflexão sobre nossa história relacional. No capítulo 4, eu (Claude) forneço uma exposição de Miqueias 6:1-8. Em seguida, dividimos os capítulos 5 a 12 em três pares seccionais – conscientização com humildade, apropriação com misericórdia e agência com justiça. O leitor atento notará que esses pares não estão alinhados à ordem mencionada na passagem das Escrituras, mas de acordo com o processo que estamos sugerindo: conscientização, apropriação e ação. Acreditamos que a conscientização gera a humildade, que a misericórdia estimula a apropriação e que a agência promove a prática da justiça. Dentro dessas seções, apresentamos uma exposição bíblica, seguida de um estudo de caso de como as etapas se sucedem. Incluímos um resumo da história da raça nos Estados Unidos e falamos de alguns “elefantes na sala”. No capítulo 13, fornecemos sugestões para o que vem a seguir.

Nosso desejo em *A Exigência* é pensar cuidadosa e conscientemente sobre nossas jornadas raciais pessoais e coletivas. Essas jornadas são destinadas a moldar nosso discipulado, incluindo aprofundar nosso amor por aqueles que são diferentes de nós. Convidamos você a participar com Jesus nas questões concernentes ao *shalom* de Deus para todas as pessoas. Seu chamado é para perseguirmos apaixonadamente Sua visão por uma igreja unida,

compassiva e robusta na missão de estabelecer Seu reino na terra. Nunca seremos tão parecidos com Jesus quanto quando amamos radicalmente aqueles que são radicalmente diferentes de nós.

Uma igreja unida em um mundo racialmente dividido é o Grande Antídoto para trazer o amor de Deus e soluções pragmáticas para a ruptura racial e étnica. Que possamos crescer em semelhança a Cristo. Ele se entregou por todo o mundo e nos convida a fazer o mesmo.